



Scientiarum Historia XI

Filosofia, Ciências e Artes: Conexões Interdisciplinares
"Sacudindo a poeira"

7 a 9 de novembro de 2018

Rio de Janeiro - RJ

HCTE/NCE/CCMN - UFRJ



Trabalho→ Práxis→ Poiesis: Trabalhando na Complexidade

Matheus Henrique da Mota Ferreira (Mestrando HCTE/UFRJ) - matheushmf01@gmail.com

José Carlos de Oliveira (Professor HCTE/UFRJ) - jcarlos@dee.ufrj.br

Resumo

Buscamos nessa produção propor algumas aproximações iniciais entre as ideias de Edgar Morin e alguns pensadores da tradição marxiana da qual ele se nutre, em particular a obra de Lukács em suas considerações sobre a importância do Trabalho na constituição do ser social e sobre as possíveis transformações desse conceito no contexto atual. Avaliamos em um primeiro momento a possibilidade de incluir Morin na tradição marxiana a partir da crítica da crítica, ou seja, criticando aquelas que são apontadas como falhas essenciais em seu trabalho. Em seguida comparamos e coadunamos as diferentes definições de trabalho de Morin, Lukács e Karel Kosik a partir dos escritos de Eleutério Prado, para concluir com considerações finais sobre o Trabalho em tempos contemporâneos. **Palavras-chave: Complexidade ; Trabalho ; Práxis ; Poiesis; Edgar Morin; György Lukács.**

Segundo Morin, a complexidade não é uma palavra-chave para tudo solucionar, mas uma palavra-problema para trazer reflexões, dúvidas e a revitalização do pensamento. Apesar de críticas à abordagem moriniana, inclusive do interior da própria tradição marxiana (Cruz et al, 2013; Gomes e Jimenez, 2009; Vieira, 2013), não lhe falta a historicidade que é apresentada como ponto essencial nessa mesma tradição. Afirma-se que seria Morin um determinista que importa categorias da biologia e da física para criar um "natural" quase transcendental, uma esfera da realidade humana fixa e imutável: nada poderia estar mais longe da verdade. Inspirado, entre outros, pelo trabalho de Ilya Prigogine, Morin procura historicizar a própria natureza, acabando com a divisão entre o natural imutável e o histórico transformável. Toda a realidade é processual, um processo que se desenvolve ao longo do tempo, tomando inúmeras formas nas diferentes manifestações concretas do devir histórico desde os tempos pré-históricos ou mesmo pré-humanos. Na concepção da história como processo, Morin está acompanhado de Lukács e do próprio Marx. Talvez pudéssemos mesmo arriscar dizer que a processualidade seria um modo mais abstrato de historicidade, incluindo todas as mudanças ou movimentos do ser, desde as formas inorgânicas às biológicas e até as sociais. A processualidade cósmica como a historicidade humana compõem um único processo, uma única ciência da história nas palavras de Marx, ou uma unidade complexa, um todo dialógico que se organiza-desorganiza-reorganiza nos movimentos dos diversos elementos que o compõem, em termos mais morinianos.

Ensaia-se também uma crítica ao autor do Pensamento Complexo que tenta indicar que este não parte da atividade social concreta do homem na história para o desenvolvimento de suas ideias. Assim, Morin seria devedor de uma proposta idealista que postula conceitos sem conexão com o substrato material das relações de produção humanas, ou seja, sem conexão com a práxis historicamente organizada a partir da qual a sociabilidade humana em cada período se determina. Tal crítica me parece equivocada na medida em que a complexidade não surge de um salto no escuro de um pensamento contemplativo, mas sim da avaliação da necessidade de um novo método a partir da observação, digamos ontológica, do estágio de desenvolvimento do processo



Scientiarum Historia XI

Filosofia, Ciências e Artes: Conexões Interdisciplinares
"Sacudindo a poeira"

7 a 9 de novembro de 2018

Rio de Janeiro - RJ

HCTE/NCE/CCMN - UFRJ



objetivo de desenvolvimento da sociedade. A mediação social das relações entre humanos e natureza é respeitada, portanto, em Morin, conforme sua proposta não é inventar um método *ex nihilo*, mas propor, em consequência da observação das mudanças do modo de organização social e dos modos de produção no capitalismo tardio, um novo método de pesquisa e de pensamento em conformidade com as novas exigências contemporâneas.

Nesse contexto, podemos afirmar que o pensamento complexo surge:

(1) em resposta às mudanças sociais que criaram novas formas de trabalho mediadas pelo aprofundamento das exigências cognitivas e da aplicação técnico-científica, além das questões ligadas ao gerenciamento e à organização, o que coloca a necessidade de incorporar uma teoria da organização e uma teoria da cognição ao método tradicional marxiano focado nas relações de produção econômicas, pois, cada vez mais, a produção depende de "competências cognitivas" e de "metas organizacionais", uma mudança já apontada em parte por Bogdanov (1996) na Rússia nos anos da década de 1910, e hoje já bastante contextualizada nos centros capitalistas do norte global. As transformações culturais, com o surgimento dos meios de comunicação de massa e suas possibilidades de manipulação simbólica, e com a intensificação da participação técnico-científica no cotidiano passaram a exigir um novo olhar para as teorias atuais da mente e do conhecimento, conforme os capitais cultural e cognitivo passaram a ter grande impacto na organização social, produzindo novas configurações do relacionamento dialético-dialógico entre infraestrutura e superestrutura, e demandando um enfoque renovado para a componente subjetiva do circuito prático (como se dá a ontogênese da cognição humana e como a realidade contemporânea impacta a produção prática de subjetividades);

(2) como modo de contornar as formas de alienação contemporâneas, as quais passam frequentemente pelo controle midiático-informacional e pela concentração do capital tecno-cognitivo em grandes conglomerados industriais-financeiros-estatais que estabelecem uma moderna tecnocracia. Apenas especialistas podem opinar sobre os dilemas sócio técnicos, mas estes agentes estão enredados nas tramas de relações entre o complexo industrial (farmacêutico, agropecuarista, computacional-informacional), o aparelho de órgãos políticos especializados, a academia onde os especialistas fazem carreira e produzem conhecimento, tudo sempre mediado pelas relações mercadológicas onde o capital financeiro (guiado pelos especialistas-economistas) tem hoje enorme peso. Essas relações são bem cobertas no caso da indústria farmacêutica por Angell (2007) e no agronegócio global por Lappé (1991) ou Roberts (2008). É desse modo que o Pensamento Complexo, demandando a democratização cognitiva - e, portanto, o acesso ao conhecimento - a reforma educacional e a mudança de paradigma epistêmico, se coloca como parte do movimento da realidade objetiva no sentido do desenvolvimento da consciência revolucionária, ou seja, daquela necessária para a emancipação do sujeito coletivo histórico e para o desenvolvimento das forças produtivas-organizativas-cognitivas humanas no sentido da transformação da realidade dada rumo à realização do potencial antropológico histórico;

(3) como resposta à crise ecológica e como possibilidade de intervir nesta pela proposição de uma nova relação humano-natureza, tanto pela ecologia generalizada (Morin, 2011), quanto pela ecologia das ideias e das ações. Estes conceitos ecológicos em Morin também se comunicam com sua ética da complexidade, nas dimensões individual, social, relativa à espécie humana, e planetária. O próprio planeta surge como



Scientiarum Historia XI

Filosofia, Ciências e Artes: Conexões Interdisciplinares
"Sacudindo a poeira"

7 a 9 de novembro de 2018

Rio de Janeiro - RJ

HCTE/NCE/CCMN - UFRJ



algo co-constitutivo da humanidade ao longo de seu método de produção de anamorfoses na realidade cosmo-bio-antropossocial, começando por analogias e metáforas que parecem poeticamente revelar homologias profundas que fazem comunicar o ser antropossociológico humano com o ser biológico animal com o ser ecológico planetário por um vínculo interno profundo, ou mesmo por uma rede de complexas interações e conexões dinâmicas;

(4) como resultado do desenvolvimento das forças produtivas humanas, o qual ocasionou a especialização e fragmentação do conhecimento humano no paradigma denominado clássico por Morin (de disjunção, redução e simplificação), porém que, nesse processo, gerou a necessidade objetiva de produção de novos métodos de pesquisa ou de produção, metodologias complexas tanto pela complexidade de conhecimentos acumulados sobre qualquer tema, quanto pela complexidade da própria realidade objetiva que se apresenta como um emaranhado de interações caóticas e não-lineares, cujas possibilidades de manipulação de forma determinada e previsível se mostram esgotadas. É, portanto, o próprio movimento histórico da humanidade em suas conexões globais e com seus grandes fluxos - de produtos, capitais, conhecimentos - que gera a necessidade de reformular a práxis rumo ao diálogo transdisciplinar e transcultural, à ciência com consciência e à integração das dimensões prática-teórica-reflexiva, ou seja, ao fortalecimento do questionamento genealógico, ideológico, epistemológico, psicológico e, também, mitológico sobre os processos científicos atuais, o trabalho dos pesquisadores no capitalismo tardio.

Após situar a produção moriniana no interior do processo histórico que gestou as condições de seu surgimento, destaco a que me parece ser sua contribuição inovadora à discussão que previamente se estabelecia sobre o trabalho, a práxis e a humanização.

Prado, autor que busca discutir a complexidade a partir da tradição marxiana, afirma que "homem é o ser que se constitui na práxis" (Prado, 2010), uma assertiva com a qual Morin concordaria sem pestanejar, com um pequeno acréscimo: o ser humano tem suas especificações práxicas, porém todos os seres se definem pela práxis, ou, mais genericamente, pelo circuito prático, um conceito aberto e complexo que compreende práxis-trabalho-produção-transformação (Morin, 2003, p.202).

"As noções de práxis, trabalho, transformações, produção não são apenas interdependentes na organização que as comporta: elas se transformam também umas nas outras e se entreproduzem umas nas outras, já que a práxis produz transformações, que produzem seres físicos, movimento. Esta rotação entre os termos de produção e de transformação é bem expressa no *dução* de produção e no *trans* de transformação... A *dução* (circulação e movimento) torna-se transformação e o *trans* conserva e continua a ideia de circulação e movimento. E assim, encontramos o caráter primeiro da ação: o movimento. Uma organização ativa comporta na sua própria lógica a transformação e a produção." (p.202)

Em Lukács, o ser social, aquele que constitui a humanidade como momento mais desenvolvido da história do ser, se diferencia pelo trabalho (Prado, 2010), ou seja, pela posição



Scientiarum Historia XI

Filosofia, Ciências e Artes: Conexões Interdisciplinares
"Sacudindo a poeira"

7 a 9 de novembro de 2018

Rio de Janeiro - RJ

HCTE/NCE/CCMN - UFRJ



teleológica, pela negação da causalidade natural a partir de um plano previamente ideado - uma capacidade que competiria unicamente aos seres humanos. Prado reconhece que o "trabalho é entendido por Lukács como característica genérica do ser social e assim, por consequência, como critério de demarcação objetivo que separa o modo de reprodução da existência social do modo de reprodução dos seres que pertencem à esfera da natureza" (Prado, idem). Portanto, este trabalho representaria um rompimento bem marcado na escala dos modos de ser do mundo. O ato de "pôr algo novo a partir do já existente é, então, para ele [Lukács], o fundamento ontológico da práxis social e humana" (Prado, idem).

Aqui aparece mais uma vez a diferenciação essencial entre as considerações lukacsianas e morinianas: enquanto está tudo circunscrito ao ser social em Lukács, o trabalho enquanto capacidade de produção de novidades é, em Morin, um caráter genérico dos seres, desenvolvendo-se conjuntamente com o aumento de sua complexidade organizacional. Há uma dimensão poética no trabalho e esta já se apresenta, em geral, nas organizações ativas, as organizações que produzem seu próprio ser pela implicação causal circular - aquilo que produz a organização é também seu produto, garantindo sua re-produção.

As categorias em Lukács se desvelam como determinações existenciais que só podem ser apreendidas pelo desenvolvimento histórico do concreto. Assim, a observação do ser social concreto no momento contemporâneo seria aquilo que capacitaria a compreensão do ser em seus três momentos constitutivos - inorgânico, orgânico, social. Apenas nesse último momento seria possível perceber que a história é uma marca ontológica de todo ser, que os processos de devir são permanentes na natureza, impedindo qualquer separação bruta entre o natural e o cultural-social-artificial. Se o próprio trabalho revela ao ser social a complexidade da realidade do ser e a historicidade (e, portanto, transitoriedade) das categorias utilizadas para a compreensão do ser, é lógico pensar que o movimento dialético da própria realidade precisa ser acompanhado por um movimento dialético do conhecimento, ou seja, uma atualização dos métodos de investigação, justificação e exposição que validam os conhecimentos da realidade. É desse modo que as propostas morinianas me aparecem como um desenvolvimento lógico dialético-dialógico - combinando o termo hegeliano-marxiano àquele preferido por Morin - da própria tradição marxista.

Prado faz uma crítica interessante à questão do trabalho em Lukács, mediada pelo filósofo Karel Kosik, a qual será também aqui útil para nosso propósito de complexificar a noção de trabalho. Um primeiro ponto levantado é a questão de que a noção de trabalho é utilizada por Lukács para conceituar o humano ou o processo de humanização; enquanto em Marx esta categoria não passa de um contraste necessário para o desenvolvimento da crítica do modo de produção capitalista, que era seu foco: "Assim, faz a crítica do capitalismo a partir do trabalho, mas deixa de perceber que Marx critica também o trabalho no capitalismo, caindo num erro de consequências trágicas para o desenvolvimento do esforço reflexivo que orienta a luta concreta pela emancipação humana" (Prado, 2010).



Scientiarum Historia XI

Filosofia, Ciências e Artes: Conexões Interdisciplinares
"Sacudindo a poeira"

7 a 9 de novembro de 2018

Rio de Janeiro - RJ

HCTE/NCE/CCMN - UFRJ



Lukács, portanto, toma o trabalho do artesão individual como paradigma do trabalho auto-determinando, um pôr teleológico de baixa produtividade que difere enormemente do trabalho social produzido no interior do sistema capitalista. Também difere muito do trabalho em organizações cooperativas pré-modernas ou contemporâneas ou mesmo do paradigma do artista contemporâneo: um trabalho coletivo, não completamente idealizado por um único indivíduo, mas parcialmente determinado pelos múltiplos encontros contingentes com a materialidade sobre a qual incidirá o trabalho, contendo inúmeras etapas com vários trabalhadores que re-produzirão, re-significarão e trans-criarão a obra em novos contextos.

Numa tentativa de solucionar essa tensão, Kosik diferencia o trabalho em duas categorias não independentes, mas que mantêm uma relação dialética entre si: **(1)** trabalho enquanto categoria econômica - concreto, dado na temporalidade de determinações econômicas e mediado pelos modos de produção históricos; **(2)** trabalho enquanto categoria filosófica - abstrato, como processo perene de atuação humana no meio e de perpetuação de sua formação como ser ontocriativo.

Sobre a segunda categoria, diz Prado (idem) que o trabalho "é encarado como poder transformador próprio do homem [...] [e] não se encontra no trabalho nada de econômico. Apreende-se, isto sim, o trabalho como atividade mediadora que é responsável pela 'criação da realidade humano-social'." Poderíamos dizer, portanto, que o humano humaniza-se pela criação e recriação, no processo de trabalho em que humaniza a natureza. Cessar esta atividade significaria cessar a própria humanidade enquanto processo permanente de humanização.

Ainda acrescenta Prado (idem) sobre essa diferenciação que a segunda categoria "assinala o que é o homem, revela-o como um ser ontocriativo", enquanto que a primeira "diz respeito ao homem em sua existência atribulada na temporalidade". Por isso, neste caso, ela só adquire sentido quando associada a um modo de produção concreto. Ambas as categorias mantêm uma relação dialética conforme o trabalho, como ação na esfera da necessidade econômica, é condição do não-trabalho, ou seja, o trabalho determinado pela necessidade é pressuposto histórico do trabalho como ação-livre humana. Ademais, estamos de acordo com a conclusão de Prado (idem) sobre o futuro dessa dialética: "É, pois, tarefa do socialismo – diga-se de passagem – criar um modo de produção em que o não-trabalho passe a preponderar sobre o trabalho econômico, em que a liberdade do indivíduo tenha mais peso que os imperativos sistêmicos."

Tanto dito sobre o trabalho, vale a pena destacar a diferenciação feita por Kosik entre esta categoria e a práxis, sendo a primeira a atividade propriamente produtiva, o socio-metabolismo direto com a natureza; enquanto a segunda inclui a dimensão mental e espiritual, a formação da subjetividade humana. Se o trabalho é o momento produtivo da práxis, esta equivale à própria atividade existencial, articulando também as dimensões simbólica e ética (Kosik 1969, apud Prado, 2010) e, por que não, organizativa, cognitiva e afetiva da existência.



Scientiarum Historia XI

Filosofia, Ciências e Artes: Conexões Interdisciplinares
"Sacudindo a poeira"

7 a 9 de novembro de 2018

Rio de Janeiro - RJ

HCTE/NCE/CCMN - UFRJ



O curioso das categorias de trabalho (dual) e práxis em Kosik é a facilidade com que podem ser integradas à concepção moriniana, a qual generaliza a dimensão ontocriativa ou poiética da produção para todos os seres da natureza, os chamados seres-máquinas (Morin, 2003, p.199), caracterizados como seres físicos organizadores ou como organizações ativas que comportam trabalhos, produções e transformações. Aqui, se liga a práxis, fechando um circuito conceitual práxis-trabalho-produção-transformação. Esta práxis é comportamento constitutivo dos sistemas práxicos, aqueles que possuem organização ativa, ou seja, que se organizam por ações orientadas ao fim da realização de determinadas tarefas segundo competências. Os seres-máquinas são sempre seres físicos práxicos e, logo, são seres que, por sua atividade organizacional, produzem sua própria existência e, mediante perturbações e interações com o ambiente ou com outros seres, transformam esta existência ininterruptamente. Tais seres incluem das máquinas humanas, no polo mais existencialmente pobre, às sociedades humanas hipercomplexas, no polo, talvez, mais existencialmente rico, passando por turbilhões, estrelas, organismos vivos, superorganismos etc. Diz Morin (2003): "As ideias-chave de trabalho, práxis, produção, transformação, atravessam a *physis*, a biologia e vêm fermentar no coração das nossas sociedades contemporâneas".

Desta maneira, o autor d'*O método* conecta as categorias de seu circuito conceitual com o próprio movimento do devir histórico da natureza e, simultaneamente, com o movimento de transformação social que fez fermentar estes conceitos, que preparou as condições para sua manifestação. O circuito práxis-trabalho-produção-transformação, esse conceito em anel, torna-se um circuito natural-social-conceitual, reproduzindo no plano do pensamento o movimento da natureza que originou o movimento concreto da humanidade até atingir a produção desse mesmo conceito que funda, organizacionalmente, a própria capacidade de compreender sua história, de modo recursivo.

Tal recurso permite ao menos duas grandes inovações na linha histórica que parte da tradição marxiana e vai até Morin: por um lado, atender às demandas sociais postas pelo novo contexto em que se situa a produção moriniana, dado o crescimento da importância da organização e dos sistemas organizados em nível epistemológico e sociológico, inclusive na luta política por emancipação histórica do modo de produção capitalista; e por outro, atender às demandas ecológicas da realidade presente, permitindo uma reintegração dos humanos na natureza, com uma crítica aos processos produtivos capitalistas e com a sugestão de uma nova ética pela aproximação entre humanos, animais e outros seres orgânicos e inorgânicos efetivada pela sua categorização comum. Há, desse modo, o acréscimo de um novo nível de abstração ao conceito comum de *ser*, que continua permitindo a singularização das especificidades da humanidade dentre os seres vivos e, inclusive, das especificidades de determinadas formações sócio históricas com seus modos de produção (condições concretas) e mesmo de determinadas individualidades com seus processos de subjetivação práxica (condições vividas, experienciais).



Scientiarum Historia XI

Filosofia, Ciências e Artes: Conexões Interdisciplinares
"Sacudindo a poeira"

7 a 9 de novembro de 2018

Rio de Janeiro - RJ

HCTE/NCE/CCMN - UFRJ



Essas inovações convergem com o trabalho de Prado tanto no esforço de pensar as novas relações sociais no capitalismo tardio, como na questão ambiental de promover uma reaproximação entre humanos e não-humanos. Afirmo o autor, ratificando ideias de *A Nova Aliança* de Prigogine e Stengers: "Ao invés da relação de dominação entre um sujeito centrado em si mesmo e um mundo concebido como autômato submisso, deve se estabelecer uma relação de troca amigável entre dois tipos de seres naturais complexos, os quais têm características e necessidades próprias: o homem e a natureza" (Prado, 2010). Humanidade e natureza são dois seres que se colocam em uma relação dialética-dialógica, ambos se co-constroem em um mútuo processo de incorporação e transformação do outro e de si. A Natureza torna-se *physis* com significado, complexa, histórica, em transformações que se significam na relação entre ela e os seres humanos por ela paridos e que, hoje no Antropoceno, são seus maiores alteradores. E a Humanidade assume também novos matizes: o ser humano é uma ente animal-espiritual, natural-racional, maquinal-moral; um ser de instintos e pulsões, cultura e aprendizado; que segue as leis da natureza, mas que pode torcê-las e contorná-las pela ação de seu intelecto e tecnologia; um ser-máquina, maquinal (fabricativo, que copia) e maquinante (criativo, que gera o novo), moral (que cria normas e julga segundo elas) e moralizante (que produz sentido para tudo, mesmo para os acasos segundo mitos e religiões).

Se para Kosik, a dialética é "o método da reprodução espiritual e intelectual da realidade [que sempre parte] da atividade prática objetiva do homem histórico" (Kosik, 1969. p.32, apud Prado, 2010), então uma mudança na realidade, assim como uma mudança na atividade humana, no seu trabalho, deve alterar o próprio método dialético.

Para Bogdanov (1996), a mudança nos modos de produção teria ocasionado a manifestação da categoria *organização* como termo mais geral que o trabalho produtivo. Assim, o trabalho seria a organização do mundo pela humanidade e para esta. Da produção, de que fala Engels, de pessoas, coisas e ideias pelo trabalho, passaríamos a uma organização de forças humanas, de forças naturais externas e de experiências (cognição). A própria luta de classes poderia ser pensada como um conflito entre formas organizacionais, onde a nova, proletária, tentaria desorganizar a velha, burguesa, para instituir um novo regime socioeconômico. Também para Lukács (2003), a organização é de extrema importância, porém como fator de mediação: ela medeia a relação entre teoria e prática na práxis revolucionária, enquanto planejamento da ação; entre o indivíduo singular e a classe universal do proletariado, na forma do *partido comunista organizado*; entre o indivíduo e o coletivo partidário na forma da *disciplina* que organiza e integra interesses individuais e de classe; entre a própria *história* enquanto desenvolvimento das condições objetivas e necessárias e o *projeto comunista* enquanto desenvolvimento da consciência de classe subjetiva, enquanto organização partidária que deve garantir a dialética entre ambos fatores objetivos e subjetivos e impedir que se recaia em um subjetivismo



Scientiarum Historia XI

Filosofia, Ciências e Artes: Conexões Interdisciplinares
"Sacudindo a poeira"

7 a 9 de novembro de 2018

Rio de Janeiro - RJ

HCTE/NCE/CCMN - UFRJ



voluntarista ou em um evolucionismo mecanicista. A organização, portanto, medeia a relação entre o sujeito que estuda as condições objetivas da realidade e a ação prática para a transformação desta na direção do "reino da liberdade".

O *trabalho* deve ser repensado enquanto categoria no contexto da complexidade. Com Morin, é possível, pelo circuito práxis-trabalho-produção-transformação, reintegrar as ideias de organização e produção. As organizações ativas produzem coisas, ideias, realizam trocas e se transformam. Elas estão em movimento e, a partir deste, produzem sua própria existência: realizam sua práxis produtiva-organizativa-cognitiva-afetiva no contexto concreto das sociedades hipercomplexas do capitalismo globalizado; e no contexto vivencial da produção prática de subjetividades pelos indivíduos dessas sociedades hipermodernas.

O *trabalho* torna-se prático-poiético, gerando possibilidades de produção de subjetividades engajadas com a emancipação dos oprimidos da terra e com a poiese de novos mundos e novos trabalhos. Tal trabalho para o novo milênio deveria integrar ao menos três dimensões que se apresentam hoje como essenciais: **técnico-científica**; **estético-artística**; **ético-política**. Um modo de trabalho que reúne ciência/arte/política. Tornam-se um único sujeito com uma identidade complexa e dialógica: o cientista e pesquisador técnico e epistemicamente preparado, o artista que produz afetivamente e como forma criativa de expressão de sua subjetividade, o comunista que coaduna interesses individuais e interesses do gênero humano rumo a uma verdadeira ética emancipatória em termos lukacsianos.

Como já indicava Braverman (1983), não haverá revolução sócio-política-econômica-cultural sem que se revolucione também o próprio processo de trabalho, o que demanda repensar essa categoria no contexto contemporâneo da complexidade - exatamente o que tentamos fazer aqui.

Referências bibliográficas:

Angell M. A verdade sobre os laboratórios farmacêuticos. Edição: 6. Record; 2007.

Bogdanov AA. Bogdanov's Tektology Volume 1; First Published in Russian, 1913-17. Great Britain; Centre for Systems Studies Press. 1996. Available: https://monoskop.org/images/e/e9/Bogdanov_Alexander_Tektology_Book_1.pdf

Braverman H. Trabalho e Capital Monopolista: A Degradação do Trabalho no Século XX. Edição: 3. LTC Editora; 1983.

Cruz RG, Bigliardi RV, Minasi LF. Antinomias do conceito de autoética de Edgar Morin a partir dos pressupostos teóricos do materialismo dialético // Antinomies of the concept of Edgar Morin's auto-ethics from the theoretical assumptions of dialectical materialism. CONJECTURA: filosofia e educação. 2013;19: 75–88.

Gomes VC, Jimenez S. Pensamento Complexo e concepção de ciência na pós-modernidade: Aproximações críticas às "imposturas" de Edgar Morin. Revista Eletrônica Arma. 2009; Available: <http://www.armadacritica.ufc.br/phocadownload/wasusana.pdf>

Kosik, Karel – Dialética do concreto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

Lappe FM. Diet for a Small Planet: The Book That Started a Revolution in the Way Americans Eat. Anniversary edition. Ballantine Books; 1991.

Lukács G. História e Consciência de Classe. Edição: 1ª. WMF Martins Fontes; 2003.

Morin E. O Método 1. A Natureza da Natureza. Edição: 3. Sulina; 2003.

Morin E. O Método 2. A Vida da Vida. Edição: 4. Sulina; 2011.

Prado EFS. Complexidade: pressuposto ontológico da práxis; 2010. Available: <https://eleuterioprado.files.wordpress.com/2010/07/baixar-texto-20.pdf>



Scientiarum Historia XI

Filosofia, Ciências e Artes: Conexões Interdisciplinares
"Sacudindo a poeira"

7 a 9 de novembro de 2018

Rio de Janeiro - RJ

HCTE/NCE/CCMN - UFRJ



Roberts P. O Fim Dos Alimentos. Elsevier; 2008.

Vieira FLR. O método sem história: uma crítica da metodologia moriniana da complexidade. Revista Cronos. 2013;7.
Available: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/3215/2605>